

Artigo

“GIRL GANGS ARE THE WAVE OF THE FUTURE” REPRESENTAÇÕES E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES LÉSBICAS NA IMPRENSA ALTERNATIVA ESTADUNIDENSE ENTRE 1950 E 1990

“GIRL GANGS ARE THE WAVE OF THE FUTURE”
DEPICTIONS AND CONSTRUCTION OF LESBIAN IDENTITIES ON US
ALTERNATIVE PRESS BETWEEN 1950 AND 1990

Laura Pontoni
Mariana Ferreira

Resumo

Este trabalho tem como objetivo observar a multiplicidade de discursos e representações que buscavam compreender a existência e a identidade lésbica na sociedade estadunidense ao longo das décadas de 1950 a 1990. Para tal, analizaram-se as revistas The Ladder, Sisters e The Lesbian Tide, bem como os cartazes e folhetins produzidos pelos grupos ACTUP e Lesbian Avengers, evidenciando o papel fundamental desempenhado pela mídia impressa independente no processo de formação da identidade lésbica e na criação de um senso de comunidade. Além disso, tais materiais possibilitaram que uma pluralidade de vozes lésbicas fossem ouvidas através de produções que tocavam nas questões de gênero, sexualidade e organização política, bem como facilitaram o surgimento de novas conexões e o fortalecimento cultural e intelectual da comunidade lésbica como um todo.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa Alternativa; Gênero e Sexualidade; Movimentos LGBTQI+; Movimentos Lésbicos.

Abstract

This paper aims to observe the multiplicity of discourses and representations that sought to understand lesbian existence and identity in American society between the decades of 1950 and 1990. To do so, the magazines The Ladder, Sisters, and The Lesbian Tide were analyzed, as well as the posters and leaflets produced by the groups ACTUP and Lesbian Avengers, highlighting the fundamental role played by the independent print media in the process of lesbian identity formation and the creation of a sense of community. Furthermore, such materials made it possible for a plurality of lesbian voices to be heard through productions that touched on issues of gender, sexuality and political organization, as well as enabling the emergence of new connections and the cultural and intellectual strengthening of the lesbian community as a whole.

KEYWORDS: Alternative Press; Gender and Sexuality; LGBTQI+ Movements; Lesbian Movements.



Com o fim da Segunda Guerra Mundial, as décadas entre 1940 e 1970 marcaram o processo de formação de uma minoria sexual em um contexto de emergência de uma subcultura gay urbana. Nos Estados Unidos, houve uma migração de gays e lésbicas brancos para as cidades, possibilitando a criação de comunidades e de uma identidade homossexual que fez emergir a organização política LGBTI+ (Quinalha, 2022 p. 67). É em meio a este novo contexto político que se desenvolve uma subcultura lésbica que buscava definir uma identidade social e sexual para a comunidade de mulheres lésbicas.

Tal conjuntura perdurou até os anos 1980, período no qual a maior parte dos movimentos gays e lésbicos se organizou em torno do combate à epidemia do HIV, cenário que exigiu maior reflexão a respeito da homofobia e do papel do Estado, além de maior organização política, o que uniu estes grupos sob um senso de resistência (Wolfe, 1997). A partir dos anos 1990, no entanto, percebe-se uma tentativa de assimilação de personalidades lésbicas por parte da mídia estadunidense, em uma tentativa de amenizar a imagem agressiva com a qual pessoas não-heteronormativas ficaram associadas na década anterior. Este processo também fez parte da assimilação de gays e lésbicas no mercado consumidor (Ciasullo, 2001, p. 8).

Ao analisar a história das relações sexuais e românticas entre mulheres, Lillian Faderman (1991, p. 1) observa que, até o século XVIII, tais relacionamentos eram vistos de maneira relativamente positiva e inocente, sendo chamados de “amizades românticas”. A partir do século XIX, no entanto, com a separação cada vez maior dos papéis de gênero, passaram a ser alvo do escrutínio médico e da patologização, momento no qual médicos passaram a utilizar a palavra “lésbica” para definir suas pacientes. Em relação ao uso desta palavra como parte de uma identidade no século XX, afirma:

Esta identidade é particular do século XX e deve seu início, ao menos parcialmente, àqueles sexólogos que tentaram separar mulheres que continuavam a amar outras mulheres do resto da humanidade. Os sexólogos foram certamente os primeiros a construir a concepção da lésbica, a chamá-la a ser parte de uma categoria especial. Conforme o século avançou, porém, mulheres que concordaram em se identificar

como lésbicas se sentiram mais e mais livres para alterar as definições dos sexólogos para servir a elas, de modo que, para muitas mulheres, “lesbianidade” se tornou algo muito mais amplo do que os sexólogos jamais poderiam imaginar, tendo a ver com estilo de vida, ideologia, estabelecimento de subculturas e instituições (Faderman, 1991, p.4, tradução própria).¹

Faderman explora as mudanças na auto-identificação a respeito do que é ser lésbica ao longo de todo o século XX, demonstrando o quanto as mudanças sociais impactaram-na. Nesse contexto, as revistas independentes, folhetins, jornais e panfletos desempenharam um importante papel como instrumento essencial para delinear as fronteiras do que se tornaria a identidade lésbica.

As produções de grupos ativistas lésbicos serviam não só como um canal de comunicação, mas também, como aponta Rob Cover (2002, p. 111), serviram para sanar a necessidade histórica de uma “imprensa lésbica/gay independente para abordar não apenas notícias específicas sobre lésbicas/gays, mas para ajudar na criação de uma comunidade política de uma minoria”². Cover se utiliza do conceito de *comunidades imaginadas*, de Benedict Anderson para argumentar que a mídia impressa independente produzida por grupos gays e lésbicos foi importante para a formação da identidade desses grupos e de seu senso de comunidade, como é possível observar no trecho:

No caso da comunidade imaginada lésbica/gay, é a mídia impressa lésbica/gay que efetivamente permite a circulação de símbolos (significantes) como ‘orgulho’, ‘ser assumido’ e ‘diferença’ em si, corpos imagéticos e imaginados, códigos de desejo e desejável, adornos de um estilo de vida e consumo baseados na identidade (Cover, 2002, p.113, tradução própria).³

Segundo o autor, tal comunidade regula suas fronteiras a partir da mídia

¹ No original: “That identity is peculiar to the twentieth century and owes its start at least partly to those sexologists who attempted to separate off women who continued to love other women from the rest of humankind. The sexologists were certainly the first to construct the conception of the lesbian, to call her into being as a member of a special category. As the century progressed, however, women who agreed to identify themselves as lesbian felt more and more free to alter the sexologists’ definitions to suit themselves, so that for many women “lesbianism” has become something vastly broader than what the sexologists could possibly have conceived of having to do with lifestyle, ideology, the establishment of subcultures and institutions.”

² No original: “independent lesbian/gay press to carry not just lesbian/gay-specific news, but to assist in the building of a political minoritarian community”.

³ No original: “In the case of the imagined lesbian/gay community, it is the lesbian/gay print media which effectively permit the circulation of the symbols (signifiers) such as ‘pride’, ‘outness’ and essential ‘difference’, imaged and imagined bodies, codes of desire and the desirable, trappings of identity-based lifestyle and consumption.”



que consome, a partir da criação de símbolos e estilo de vida em comum que definem quem faz ou não parte do grupo. Relacionando isso à teoria queer, o autor argumenta que as performances de gênero adotadas por grupos não-heteronormativos são criadas através do consumo das mídias feitas por e para este público.

Considerando que, segundo Lipovetsky e Serroy (2015), o design, a arte e a mídia produzem e reproduzem a cultura do momento histórico em que estão inseridos, procura-se, neste trabalho, entender de que forma os grupos a serem observados utilizaram as mídias impressas independentes para se expressarem e se posicionarem politicamente, bem como o papel de tais meios na formação da noção de uma comunidade lésbica.

Este trabalho tem como objetivo analisar o processo de produção, circulação e apropriação da identidade lésbica em diferentes mídias impressas independentes realizadas por grupos ativistas lésbicos nos Estados Unidos na segunda metade do século XX, investigando o contexto histórico e social em que foram produzidas e sua relação com os estudos feministas, de gênero e de sexualidade. Para tal, este trabalho procura analisar a multiplicidade de discursos, representações e abordagens que buscavam compreender a existência e a identidade lésbica ao longo das décadas nas revistas *The Ladder*, *Sisters* e *The Lesbian Tide*, bem como os cartazes e folhetins produzidos pelos grupos ACTUP e *Lesbian Avengers*.

The Ladder: A Lesbian Review (1956-1972)

No período posterior a Segunda Guerra Mundial, durante a Guerra Fria, estabeleceu-se não somente uma grande onda conservadora, mas também o medo em torno de uma nova “ameaça” que coloria o imaginário estadunidense de tons diferentes do vermelho característico do *Perigo Vermelho*, movimento que perseguia aqueles acusados de comunistas, — o processo chamado de *Perigo Lavanda*. O pânico moral em relação ao suposto “perigo” que os homossexuais representavam ao ideal de família patriarcal e heteronormativa, pilar fundamental do modo de vida americano, provocado pelo Perigo Lavanda

chegou ao auge com a Ordem Executiva 10450, editado pelo então presidente Eisenhower no dia 27 de maio de 1953, que bania todos aqueles engajados em “perversões sexuais” (considerado um termo pejorativo para se referir à pessoas LGBTI+ na época) de cargos da Administração Pública (Estados Unidos, 1953, Executive Order 10450)⁴.

O movimento que fomentava a ansiedade pública e colocava homossexuais como alvo de uma perseguição institucionalizada foi responsável por alterar completamente a forma como a homossexualidade era vista pela sociedade, transformando o “problema homossexual” em um problema de segurança nacional (Owens, 2020, p.118). Em 1952, o senador Joseph McCarthy proferiu um discurso sobre a presença de homossexuais no Departamento de Estado dos Estados Unidos e, ao se referir a comunidade LGBTI+, afirmou que “alguns deles tem aquela aflição incomum não por sua própria culpa — a maioria, é claro, porque são moralmente fracos”⁵. A fala do senador reflete a opinião de muitos membros da sociedade e de oficiais da época que consideravam a homossexualidade, acima de tudo, um problema moral. Se homossexuais eram moralmente corruptos, eles poderiam corromper outros e, portanto, representavam uma ameaça à moral americana. McCarthy (1952) concluiu sua fala reiterando que “nós não estamos incomodados com eles por causa da sua moral, mas porque são perigosos para este país”⁶. Esta declaração demonstra a interpretação que McCarthy e outros políticos recorriam para justificar sua narrativa — diziam não odiar os homossexuais; discriminá-los era simplesmente a única forma de impedir que a sua anormalidade moral tivesse impacto na sociedade (Owens, 2020, p.119).

No início da década de 1950, em um esforço para lidar com a intolerância

⁴ Executive Order 10450. (1953) Security requirements for Government employment. P. 936. 18 Employment of homosexuals and other sex perverts in government ; interim report submitted to the Committee on Expenditures in the Executive Departments by its Subcommittee on Investigations (Washington D.C. 1950.) 81st Congress, 2d session. Senate document; no. 241. Disponível em: <https://searchworks.stanford.edu>. Acesso em: 12 de julho de 2025.

⁵ No original: “[s]ome of them have that unusual affliction because of no fault of their own — most, of course, because they are morally weak.”

⁶ No original: “[w]e’re not disturbed about them because of their morals, but because they are dangerous to this country.”



e o preconceito que enfrentavam por parte da sociedade e das autoridades, gays e lésbicas estadunidenses passaram a se organizar política e formalmente. Em organizações que se denominavam “homófilas” ao invés de homossexuais — uma estratégia vocabular para enfatizar o senso de comunidade, e não o aspecto sexual de suas identidades — esses grupos pioneiros buscavam não só a conscientização e unificação dessa minoria oprimida, mas também a aceitação pela semelhança com a normalidade (Quinalha, 2022 p.77).

Nesse contexto, formado por oito mulheres que reuniram-se na cidade de São Francisco, em outubro de 1955, surge o grupo de ativismo homófilo *Daughters of Bilitis* (DOB). Originalmente, o DOB era um clube privado que buscava oferecer a lésbicas de classe média alta uma alternativa à socialização em bares gays, mas tornou-se, em pouco tempo, uma organização reconhecida em nível nacional, dedicada a melhorar a imagem e integrar a mulher lésbica na sociedade, educando o público heterossexual sobre elas.

Uma das alternativas encontrada pelo DOB para atingir esses objetivos foi a criação da revista *The Ladder*, a segunda publicação exclusivamente lésbica dos Estados Unidos (Streitmatter, 1995, p.1-16.). Criada em outubro de 1956 pelo grupo, o periódico mensal circulou durante dezesseis anos e contou com cinco diferentes editoras, sofrendo diversas mudanças em seu conteúdo e fundamentos ao longo dos anos. Por meio de textos políticos, resenhas literárias, poemas e divulgação de estudos em torno da homossexualidade, a *The Ladder* tinha como proposta a redefinição da identidade lésbica. Rejeitando a vida noturna dos bares, os papéis de *butch* e *femme* e a vida no armário, o DOB buscava demonstrar através das páginas da *Ladder* a possibilidade de uma existência lésbica que transitasse sem conflitos entre a vida pública e privada.

Comandada pelo casal Phyllis Lyon e Del Martin, a *The Ladder* teve em seus anos iniciais dois principais temas de destaque em suas publicações: educar mulheres lésbicas sobre si mesmas e sua comunidade, bem como educar o público heterossexual sobre o lesbianismo, e encorajar comportamentos socialmente aceitáveis através do vestuário, em oposição ao estilo de vestir de

mulheres lésbicas da classe trabalhadora que participavam da socialização em bares e boates que tinham como público alvo a comunidade LGBTI+. Pode-se observar esses aspectos na primeira edição publicada da *The Ladder*, que evidenciava o objetivo do DOB de educar o público sobre o lesbianismo, assim como de participar de projetos de pesquisa acerca do tema em parceria com estudiosos da área já na primeira página da publicação, na seção “DAUGHTERS OF BILITIS - PROPÓSITOS”:

1. Educação da variante, com ênfase particular nos aspectos psicológicos e sociológicos, para permitir que ela compreenda a si mesma e se adapte à sociedade em todas as suas implicações sociais, cívicas e econômicas, estabelecendo e mantendo uma biblioteca de ficção e não ficção sobre o tema da sexualidade desviante; patrocinando discussões públicas sobre assuntos pertinentes conduzidas por líderes das profissões jurídica, psiquiátrica, religiosa e outras; defendendo um modo de comportamento e vestuário aceitável para a sociedade; 2. Educação do público através da aceitação do indivíduo, levando a uma eventual quebra de concepções erradas, tabus e preconceitos; através de reuniões de discussão pública; através da divulgação de literatura educativa sobre o tema da homossexualidade; 3. Participação em projetos de investigação por especialistas devidamente autorizados e responsáveis em psicologia, sociologia e outras áreas, com o objetivo de aprofundar o conhecimento sobre a homossexualidade; 4. Investigação do código penal no que se refere aos homossexuais, proposta de alterações para proporcionar um tratamento equitativo dos casos envolvendo este grupo minoritário e promoção dessas alterações através do devido processo legal nas legislaturas estaduais (*The Ladder*, vol.1 n. 1, 1956, tradução própria).⁷

Durante os primeiros anos de publicação, Martin e Lyon apoiaram-se em opiniões profissionais para erradicar a ideia de que a homossexualidade era algo não natural, bem como esclarecer ideias equivocadas do público em relação a vida de mulheres lésbicas. Como aponta DePeder (2018), em alguns

⁷ No original: “1. Education of the variant, with particular emphasis on the psychological and sociological aspects, to enable her to understand herself and make her adjustment to society in all its social, civic and economic implications by establishing and maintaining a library of both fiction and nonfiction on the sex deviant theme; by sponsoring public discussions on pertinent subjects to be conducted by leading members of the legal, psychiatric, religious and other professions; by advocating a mode of behaviour and dress acceptable to society; 2. Education of the public through acceptance first of the individual, leading to an eventual breakdown of erroneous conceptions, taboos and prejudices; through public discussion meetings; through dissemination of educational literature on the homosexual theme; 3. Participation in research projects by duly authorized and responsible psychology sociology and other such experts directed towards further knowledge of the homosexual; 4. Investigation of the penal code as it pertains to the homosexual, proposal of changes to provide an equitable handling of cases involving this minority group, and promotion of these changes through due process of law in the state legislatures”



casos, esses especialistas foram convidados a participar de editoriais da revista para não só normalizar a existência lésbica, mas elevá-la para outro *status* de classe. Em duas diferentes edições da *Ladder*, foi enviado um questionário e realizadas entrevistas para colher informações sobre o nível de educação, a renda, o tipo de profissão e a longevidade do relacionamento de leitoras lésbicas. A *The Ladder* buscava apresentar lésbicas como cidadãs americanas exemplares para o público heterossexual e, ao mesmo tempo, garantir e encorajar suas leitoras de que elas pertenciam a um grupo de *status* superior (DePeder, 2018, p. 46).

Por meio de editoriais que examinavam cortes de cabelo e escolhas de vestuário, reafirmando a necessidade de que mulheres lésbicas se adequassem física e mentalmente às expectativas da sociedade em torno de uma feminilidade para serem aceitas, o caráter assimilacionista continuou ditando o tom da *The Ladder* por um período considerável. Pode-se notar o incômodo que o grupo tinha em relação à estética *butch* e à cultura dos bares na seção “*President's message*” da edição de novembro de 1956, na qual D.Griffin responde o comentário feito por um leitor que se incomodava com “as jovens em calças de zíper e cortes de cabelo *butch* e jeito masculino”⁸:

Nossa organização já tocou neste tema e converteu algumas a lembrarem que são mulheres primeiro e *butch* ou *fem* depois, então sua roupa deve ser aceitável para a sociedade. Ao contrário do que se pensa, nós mostramos que há um lugar para elas na sociedade, mas apenas se elas desejarem que haja. Agora elas desejam (Griffin, D. “President 's Message”. *The Ladder*, n. 4. Novembro, 1956, tradução própria)⁹.

Somente no ano de 1963, quando a editora Barbara Gittings tomou a frente da publicação, a *The Ladder* passou a reproduzir uma narrativa que privilegiava menos a opinião de especialistas e as táticas assimilacionistas. Nesse momento, além da revolução sexual que estava em curso entre os anos 1950 e 1960, diversos movimentos questionavam as normas de gênero e

⁸ No original: “the kids in fly-front pants and with the butch haircuts and mannish manner”.

⁹ No original: “Our organization has already touched on that matter and has converted a few to remembering that they are women first and a butch or fem secondly, so their attire should be that which society will accept. Contrary to belief, we have shown them that there is a place for them in society, but only if they wish to make it so. They now do.”

sexualidade. O movimento feminista, que passava por uma segunda onda que questionava as origens da opressão sofrida pelas mulheres e os papéis impostos a elas (Zirbel, 2021, p. 15-21), e a luta de ativistas do movimento *Black Power* que pautavam a identidade negra como a alma de um novo radicalismo (Joseph, 2006, p. 2-3), foram movimentos que, segundo Quinalha (2022, p. 73), abriram caminho para uma maior mobilização homossexual. Influenciada pelas declarações do ativista gay Frank Kameny para que os grupos homófilos reconhecessem que o problema da homofobia estava na sociedade heterossexual, e não nos homossexuais, e lutassem por mudanças legislativas e direitos civis, Gittings deu outro tom à *The Ladder*.

Incluindo editoriais que abordavam o enfrentamento do preconceito e discriminação, além de relatos de experiências positivas de lésbicas em suas comunidades, a ativista também fez mudanças nas capas do periódico, substituindo as ilustrações que estamparam as edições anteriores por fotos de mulheres lésbicas, e adicionou o subtítulo “*A Lesbian Review*” à publicação. As mudanças feitas na *Ladder* por Gittings explicitavam o orgulho e o protagonismo lésbico que passaram a marcar presença no conteúdo da revista. As lésbicas, segundo Gittings, deveriam ser as únicas experts em lesbianismo (Gallo, 2006, pp. 55-56).

Figuras 1 e 2 — Capas de diferentes edições da revista *The Ladder*.



The Ladder, Junho de 1966.



The Ladder, Janeiro de 1966.

Apesar de apresentar diferentes alternativas de comportamento e posicionamento político para lésbicas, as imagens estampadas nas capas da *Ladder* sob o comando de Gittings continuavam a divulgar a representação de mulheres lésbicas jovens, atraentes e inocentes que as editoras anteriores da



revista construíram e incentivaram. As estéticas *butch* e *femme*, populares nos bares lésbicos e entre as lésbicas da classe trabalhadora, continuaram sendo consideradas fora do padrão de *status* superior que o DOB e a *The Ladder* consideravam o ideal para as lésbicas.

O fortalecimento do movimento feminista enquanto teoria e a articulação de espaços de discussão e compartilhamento de experiências que estabeleceu-se nos anos de 1960 geraram um impacto na organização da *The Ladder*. Com Helen Sandoz atuando temporariamente como editora entre 1966 e 1968, o material publicado na revista passou a tratar mais profundamente de questões políticas e sociais envolvendo a existência lésbica através de um olhar feminista. Apesar da aproximação com a teoria feminista, a editora tentou balancear os editoriais mais engajados politicamente com poemas, cartas e histórias curtas já que, segundo Sandoz (1987), “[...] o que estas pessoas queriam era um pouco de romance em suas vidas, um pouco de poesia, uma história legal, um pouco de sucesso”¹⁰.

O alinhamento de discurso da *Ladder* com o movimento feminista foi concretizado com a entrada da escritora Barbara Grier como editora da revista, no ano de 1968. Uma das responsáveis pela criação da maior e mais antiga editora lésbica do mundo, a *Naiad Press*, Grier contribuiu significativamente escrevendo para a revista mesmo antes de se tornar editora (Passet, 2016, p. 38). Nos anos 60, a editora estabeleceu uma forte conexão com o grupo feminista *Kansas City Women's Liberation Union (WLU)*, onde ela passou a ter contato com universitárias lésbicas e feministas, mulheres que Grier enxergava como “jovens, em chamas” e com vontade de mudar o mundo (Passet, 2016, p. 110-111)¹¹. O contato com essas intelectuais fez com que Barbara percebesse a importância de trabalhar com uma nova geração de escritores para tornar a *The Ladder* atrativa para jovens leitores — visão que se alinhava com a da então presidente nacional do DOB, Rita Laporte, que acreditava que para expandir o

¹⁰ No original: “[...] what these people wanted was a little romance in their life, a little poetry, a nice little story, a little success”.

¹¹ No original: “young, on fire,’ and wanting to change the world”.

alcance e o impacto da revista seria necessário adotar o feminismo para manter a publicação relevante tanto para o público homossexual como heterossexual.

Removendo o subtítulo “*A Lesbian Review*”, Grier transformou a *The Ladder* em uma revista dedicada à emancipação feminina, buscando cativar mulheres heterossexuais como leitoras e tratando a lesbianidade como sinônimo de feminismo (DePeder, 2018, p.70). Em parceria com escritoras, poetas e intelectuais feministas, a editora passou a publicar ensaios, contos, poemas e artigos que focavam em pautas feministas, deixando as demandas da comunidade lésbica em segundo plano, como demonstra o texto “*Men are the Second Sex!*” de Wilda Chase, publicado na edição de agosto/setembro de 1969, em que Chase afirma que “nosso status minoritário como mulheres têm prioridade sobre o nosso status minoritário como lésbicas. Considerando essa questão, é difícil dizer como poderíamos ser lésbicas sem ser feministas”¹².

Esse discurso foi reforçado até o fim da circulação da revista em 1972, após a separação da *The Ladder* do grupo *Daughters of Bilitis* em 1970, depois que Barbara Grier e Rita Laporte, observando as dificuldades que organizações homófilas formadas nos anos 1950 enfrentavam tentando se adaptar aos novos tempos após a revolta de Stonewall e temendo que o futuro do DOB prejudicasse a publicação, decidiram que a solução seria tornar a *Ladder* totalmente independente do grupo — Laporte foi até a sede do DOB em São Francisco e retirou de lá correspondências, cópias de todas as edições da *The Ladder*, materiais usados para a produção do periódico e a lista de assinantes da revista¹³, causando o que DePeder (2018, p.62) classificou como “a maior controvérsia na história do DOB”.

Mesmo com um fim abrupto, a *Ladder* impactou de maneira muito singular a imprensa alternativa lésbica, uma vez que servia não só como fonte

¹² No original: “Our minority status as women takes priority over our minority status as Lesbians. On considering the issue, it is hard to see how we could be Lesbians without being feminists.”

¹³ Mais informações sobre a separação da *The Ladder* do grupo *Daughters Of Bilitis* podem ser encontradas em Gallo (2006) e nas entrevistas feitas com Del Martin e Phyllis Lyon para o *Daughters of Bilitis Video Project* disponíveis em <http://herstories.prattinfoschool.nyc/omeka/>.



de informação para o público lésbico, mas também porque deu voz a um grupo que buscava tanto desenvolvimento individual como uma mudança social coletiva. Dessa forma, a *The Ladder* cumpriu um papel fundamental na criação de uma identidade lésbica que rompia com a visão que habitava o imaginário da sociedade heteronormativa estadunidense em relação às mulheres lésbicas, além de tornar acessível ao seu público poesias, crônicas, resenhas literárias e artigos políticos escrito por e para lésbicas.

Sisters: By and For Gay Women (1970-1975)

Criada no ano de 1970 por integrantes da DOB que residiam em São Francisco, a revista *Sisters: By and For Lesbians* tentava ocupar o vazio deixado pelo fim da *The Ladder* e se apresentava como um periódico exclusivamente lésbico. Durante os cinco anos de publicação, a *Sisters* trabalhou uma representação do lesbianismo que rompia com as táticas assimilacionistas perpetuadas pela *Ladder* em seus anos iniciais e buscava atualizar a identidade lésbica firmada pelo DOB para as novas gerações. Para DePeder (2018, p.79), apesar das editoras da revista não seguirem as regras de assimilação de Martin e Lyon, a *Sisters* acreditava no poder do “establishment” que o *Daughter Of Bilitis* e outros grupos homófilos faziam parte por terem conquistado um espaço para gays e lésbicas em uma época tão hostil quanto a do Perigo Lavanda, promovendo a união dos movimentos de liberação gay e os grupos homófilos, como demonstrado no editorial *DOB and Radical Politics* escrito por Karen Wells:

Nosso caminho se move junto ao deles e juntos podemos fazer uma grande diferença. [...] Se nós desejamos que pessoas gays tenham seus direitos como humanos, nós devemos trabalhar juntos como humanos. Humanos são diferentes — alguns são radicais, outros não. Mas se negarmos essa diferença, negarmos estas pessoas “institucionais” que querem trabalhar conosco, nós negamos sua humanidade (Wells, Karen. **DOB and Radical Politics.** *Sisters: By and For Gay Women*, vol. 1, no. 2. Dezembro de 1970. p. 28, tradução própria).¹⁴

As representações da identidade lésbica construídas pela revista se

¹⁴ No original: “Our way moves right along with theirs and together we can make a vast difference. [...] If we wish as gay people to get our rights as humans, we must work together as humans. Humans are different — some are radical, some are not. But if we deny this difference, put down those ‘establishment’ people who want to do their thing for us, we put down their humanness.”

aproximavam e, simultaneamente, remodelavam as lésbicas da *Ladder*. Na seção “Reader’s Response” da edição de janeiro de 1971, uma leitora que se identificou como “uma velha conservadora”¹⁵ pontuou a necessidade de um espaço de existência para lésbicas que não fossem “nem modernas, nem radicais”.¹⁶ Na edição publicada em maio de 1974, na mesma seção, uma leitora responde a um artigo publicado pela revista em março do mesmo ano em que a autora critica a hostilidade com que a subcultura *butch/femme* é tratada e afirma que “Gostaria de ver pelo menos um artigo sobre uma *butch* ou *femme* feliz”¹⁷, dizendo “Eu gosto de mim. Eu gosto de ser Gay. Eu gosto de ser Butch. Eu amaria ter um casamento com uma garota Femme que tem a cabeça no lugar e gosta de ser uma garota – minha garota – minha esposa”¹⁸. Dessa forma, a *Sisters* reforçava seu compromisso de se colocar como um espaço para a lésbica “comum”, ao mesmo tempo em que se adaptava a novos públicos e ao novo clima sócio-político.

O uso de imagens e as discussões em torno da sexualidade também são elementos particulares da *Sisters*, que trazia em suas publicações editoriais que discutiam explicitamente questões envolvendo a sexualidade lésbica, assim como imagens de nudez nas páginas e na capa da revista. Artigos como “Tudo o que você queria saber sobre a vida sexual da sua namorada, mas teve medo de perguntar” e “Qual é a diferença entre um orgasmo clitoriano e vaginal? Um é mais prazeroso que o outro?”¹⁹ eram comuns e apareciam nas edições publicadas ao lado de calendários de eventos, horóscopos e editoriais de cunho político.

Figura 3, 4 e 5 – Capas de diferentes edições da revista *Sisters*.

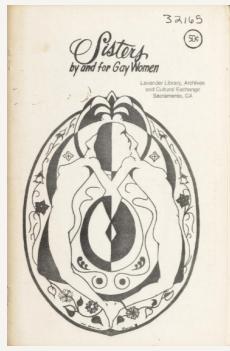
¹⁵ No original: “an old conservative”

¹⁶ No original: “non-hip-appearing, non-radical individuals”.

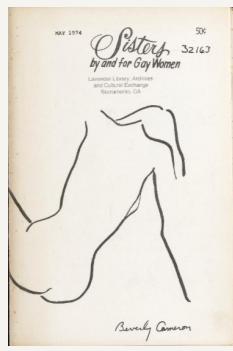
¹⁷ No original: “I’d like to see even just one article about a happy butch or femme”.

¹⁸ No original: “ “I like me. I Like being Gay, I like being Butch. I would love to have a marriage with a Femme girl who has their head together and enjoys being a girl - my girl - my wife ”.

¹⁹ No original: “Everything You Wanted to Know About Your Girlfriend’s Sex Life But Were Too Afraid To Ask” e “What is the difference between a clitoral and vaginal orgasm? Is one more pleasurable than the other?”



Sisters. Agosto de 1975.



Sisters. Maio de 1974.
1975.



Sisters. Junho de

O jogo que a revista fazia com capas sugestivas e conteúdo sexual trazia uma reinterpretação das representações lésbicas na *The Ladder* para uma nova geração que cresceu em meio a revolução sexual e, diferente da geração bem-comportada dos anos 1950, “lutava por auto-aceitação, educação e igualdade como as primeiras participantes da DOB, e também queriam sexo prazeroso e não tinham medo de falar isso” (DePeder, 2018, p. 83)²⁰.

A *Sisters* conseguiu manter uma forte ligação e dar continuidade ao legado do DOB e da revista *The Ladder* – contando muitas vezes, inclusive, com a participação de Del Martin e Phyllis Lyon como escritoras convidadas para o periódico – e, simultaneamente, expandiu a identidade lésbica cultivada pelo DOB, tratando de opiniões e conteúdos que falavam de sexo abertamente, mantendo-se relevante durante a explosão de movimentos políticos radicais nos anos 1970.

The Lesbian Tide: an independent, lesbian feminist magazine (1971-1980)

Fundado pela escritora Jeanne Córdova, que atuou pelo Daughters of Bilitis em Los Angeles, a revista *The Lesbian Tide* circulou de 1971 até 1980 e teve grande influência das ideias políticas radicais do feminismo lésbico, movimento que Córdova teve contato através de sua parceira na época. A ideologia lésbico-feminista foi o que causou a saída da escritora do DOB, uma vez que a postura conservadora e pouco política das participantes do grupo, na visão de

²⁰ No original: “stroved for self-acceptance, education, and equality like early DOB members, they also wanted good sex and weren’t afraid to say so”.

Córdova, não dialogava com seu ativismo político. Em janeiro de 1972, a *The Lesbian Tide* rompeu oficialmente com o DOB e tornou-se uma revista independente, sem filiação a nenhum grupo (*The Lesbian Tide*, vol. 1, n. 6, 1972). Poucos meses depois, em março do mesmo ano, as editoras da revista denominaram a *Tide* como “uma revista independente lésbica/feminista” (*The Lesbian Tide*, vol. 1 n. 8, 1972)²¹.

Até janeiro de 1972, as primeiras edições da revista, na época apenas um boletim informativo chamado de *The L.A. DOB Chapter Newsletter*, mantinham a descrição “uma organização apolítica e sem fins lucrativos, que tem como objetivo a realização do orgulho pessoal na lésbica” (*The Lesbian Tide*, vol. 1, n. 1, 1971)²², e incluíam em suas publicações calendários de eventos do DOB, notícias e poesias. Desde de sua primeira edição, a *The Lesbian Tide* incluiu a divulgação de encontros feministas e de personalidades do movimento em seções da revista como *Woman of the Month* ou *Herstory*. Com o passar do tempo, cada vez mais conteúdos tratando das pautas do feminismo lésbico e da militância anti-guerra foram incorporadas no periódico, algo que não agradou as integrantes do DOB, que decidiram desligar Jeanne Córdova e sua equipe, assim como se desvincular da *Tide* (Passet, 2016, p. 118).

Segundo Browne e Olasik (2016) o feminismo lésbico surge nos Estados Unidos na década de 1970 para combater o heterossexismo e a lesbofobia existentes no feminismo *mainstream* e as formas como as identidades/vidas/políticas sexuais podiam ser dominadas por homens gays. Este movimento é iniciado por lésbicas que se sentiam insatisfeitas não só com as décadas de falta de representação e de apoio por parte dos movimentos gays masculinos, mas também com feministas heterossexuais que desconsideravam as problemáticas ligadas a sexualidade e buscavam se distanciar de pautas da comunidade lésbica. Para Bunch (1991, p. 320), “A política feminista lésbica é uma crítica à instituição e à ideologia da

²¹ No original: “THE LESBIAN TIDE is an independent, lesbian/feminist magazine.”

²² No original: “a non-political, nonprofit organization, which has as its goal, the actualization of personal pride in the lesbian.”



heterossexualidade como pedra angular da supremacia masculina”²³. Feministas lésbicas radicais incentivavam o tratamento da identidade lésbica como um ato de resistência e uma escolha política, uma vez que as mulheres que participam da dinâmica heterossexual estariam colaborando com a sua própria submissão. Assim, a mulher considerada livre seria aquela que existe inteiramente separada dos homens, e contribui para a formação de comunidades separatistas lésbicas e femininas (Browne e Olasik, 2016).

O envolvimento de Jeanne Córdova com o feminismo lésbico nos anos 1970 e a luta contra o patriarcado com um foco distinto nas questões lésbicas relacionadas a esta luta se tornaram o principal foco da ativista durante a década (Silva, 2023, p.38). Córdova se definia como uma ativista lésbica que se tornou feminista, o que a diferenciava das feministas lésbicas que eram feministas e se tornaram lésbicas²⁴ – esse posicionamento influenciou a forma como a editora expressava seu ativismo na revista. Eliminando os elementos relacionados à literatura em março de 1972, a revista passou a focar inteiramente nos aspectos políticos, limitando suas fontes apenas a mulheres lésbicas, o que conferiu à revista o status de “bíblia do feminismo lésbico” (Streitmatter, 1995, p.160-161). Artigos e editoriais como “*Radical Consciousness*”, que testava o quanto a consciência política das leitoras foi influenciada pelo movimento lésbicas feminista (*The Lesbian Tide*, 1974, p. 8-9), ou resenhas de obras como “*Les Guerillères*” de Monique Wittig compunham o conteúdo da publicação (*The Lesbian Tide*, 1972, p. 6.).

Produzida e circulando em um período em que a comunidade lésbica era tomada por movimentos de jovens de todas as classes sociais que se uniam e sabiam como se organizar de uma forma que as gerações anteriores não foram capazes (Faderman, 1992, p. 197), a *Tide* cultivava uma identidade lésbica plural, incluindo debates acerca de raça, etnia e sexualidade em suas publicações. O

²³ No original: “Lesbian feminist politics is a critique of the institution and ideology of heterosexuality as a cornerstone of male supremacy”

²⁴ Soares, Manuela. “Jeanne Cordova Interview, October 27, 1988,” *Lesbian Herstory Archives AudioVisual Collections*. Disponível em: <https://herstories.prattinfoschool.nyc/omeka/items/show/293>.

artigo “*The Politics Of Lesbianism*”, publicado em junho de 1972 pela revista, discute a necessidade de um posicionamento mais radical e interseccional da comunidade lésbica que não se isole das pautas anti-guerra no Vietnã, das lutas de trabalhadores rurais do movimento *United Farm Workers*, ou do julgamento de Angela Davis. Os debates em torno do sexo também eram feitos abertamente no periódico, como na seção “*Dear Sappho*” da edição de março de 1972, em que uma leitora relata sobre sua experimentação sexual com sua parceira, pedindo a opinião das editoras acerca de práticas como *ménage à trois* e sadomasoquismo. Além disso, o periódico promoveu o desenvolvimento e um maior alcance da cultura lésbica em todos os seguimentos que estavam em alta durante a década de 1970: festivais de música, gravadoras, livrarias, cafeterias e editoras comandadas por e voltadas para o trabalho de mulheres e lésbicas eram todas apoiadas pela *The Lesbian Tide*.

Figuras 6, 7 e 8 – capas de diferentes edições da revista *The Lesbian Tide*.



The Lesbian Tide. Mar.-Abr. de 1975. *The Lesbian Tide*. Junho de 1974. *The Lesbian Tide*. Jul.-Ago. de 1979.

Fortemente impactada pela disruptividade e diversidade de movimentos, organizações e filosofias que surgiram pós-Stonewall, a *Tide* radicalizou a identidade lésbica ao conectá-la de forma tão intensa às pautas feministas, apresentando o feminismo lésbico como um caminho que a identidade lésbica deveria seguir para progredir em um período de mudança e diversificação, além de elevar a comunidade a um lugar de relevância intelectual e cultural que dialogava diretamente com as novas gerações e atendia as demandas de um momento histórico tão plural e significante para a comunidade LGBTI+.



ACT UP: end AIDS! (1987-)

A década de 1980, por sua vez, foi marcada pela epidemia do que ficou posteriormente conhecida como a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), doença que havia começado a se propagar na década anterior e exponencialmente aumentado seu número de vítimas. O que foi ignorado pelas autoridades no início, se tornou, nos anos 1980, um problema latente nos Estados Unidos, obrigando que o assunto fosse discutido nos espaços públicos. Por conta da associação errônea, feita à época, entre o vírus HIV e homens gays, o combate à doença concentrou os esforços dos movimentos queer como um todo. Os grupos ativistas lésbicos, apesar de continuarem lutando por suas pautas já estabelecidas, direcionaram, neste período, parte de seus esforços à luta não apenas contra a epidemia, mas também contra a homofobia e misoginia associadas à resposta governamental e midiática a ela (Wolfe, 1997). Portanto, para analisar a produção de mídia impressa de tais grupos durante este período, é necessário examinar o discurso propagado a respeito do combate à AIDS.

No início da década, momento em que começava a ser reconhecida, pelo Centers for Disease Control and Prevention (CDC), a existência de uma epidemia de AIDS nos Estados Unidos, pouco foi dito a respeito do tema nas mídias gays de maior circulação. Quando o faziam, as revistas tratavam do assunto de maneira moralista, como a *New York Native*, que publicou, em 1982, uma matéria com o título *Gay Plague*. É também o caso de Randy Shilts, jornalista que posteriormente ficaria conhecido por escrever a biografia do político e ativista gay estadunidense Harvey Milk, que defendia, na revista *The Advocate*, que homens gays deveriam abandonar a experimentação sexual popularizada na década anterior e os comportamentos ditos promíscuos. De maneira semelhante, o escritor e ativista Larry Kramer entendia que a solução estava na mudança individual de comportamentos e na redução do número de parceiros. Kramer foi fundador da *Gay Men 's Health Crisis* (GMHC), organização que tinha como objetivo auxiliar aqueles que sofriam com a doença.

Neste contexto inicial da epidemia, os efeitos e transmissão da doença para e entre mulheres era ainda desconhecido. Nas poucas vezes em que eram citadas em materiais de conscientização, mulheres eram vistas como meros vetores da AIDS, levando-a de um parceiro a outro, e não como possíveis vítimas fatais. O mito da prevalência da síndrome em homens gays e cisgênero prejudicou as respostas iniciais para a conscientização de mulheres a respeito dos riscos e medidas de prevenção. Além disso, o fato de que os sintomas apresentados por mulheres cisgênero são diferentes dos sintomas que se manifestam em corpos masculinos, e de que tais sintomas não faziam parte do critério diagnóstico da doença de acordo com o CDC, dificultou a inclusão de mulheres em políticas públicas, estudos e tratamentos (Banzhaf, et all, 1990, pp. 31-33).

Já no caso de lésbicas, a percepção era de que figuravam apenas como aliadas e cuidadoras dos homens gays na luta contra a AIDS, já que a transmissão entre mulheres, inicialmente, não era considerada possível e o sexo entre mulheres era considerado mais seguro (Banzhaf, et all, 1990, p. 18). Grupos lésbicos organizavam campanhas de doação de sangue, de conscientização e outros tipos de voluntariado. No aspecto sexual, por sua vez, eram vistas como menos promíscuas que homens gays, preferindo relacionamentos longos e monogâmicos a encontros casuais e, portanto, um exemplo a ser seguido na prevenção a doença por, supostamente, não apresentarem comportamento sexual arriscado (Brier, 2007, p. 235). Essa visão prejudicou e atrasou possíveis ações de prevenção da doença direcionadas à mulheres (Young, 1991, p. 1).

Tal visão começou a mudar com a ascensão de ativistas lésbicas como figuras de destaque em grupos de luta contra a AIDS, como é o caso de Cindy Patton, editora da revista Gay Community News (GCN). A ativista, que se tornaria referência no assunto, afirmou em uma entrevista para a GCN, em 1983, que a epidemia deveria ser tratada como um problema político, e não apenas de cunho individual. Combinando a teoria feminista com libertação gay, Patton afirmou que era necessário entender que a raíz da falta de políticas públicas contra o HIV era a homofobia e, portanto, a luta coletiva contra o preconceito



seria o caminho para derrotar a AIDS. Além disso, ajudou a propagar uma visão sexo-positiva — ao invés de pregar a abstinência, seria mais eficaz, segundo ela, difundir práticas sexuais (mais) seguras e redução de danos. Patton não estava sozinha em suas opiniões, que ficaram cada vez mais populares entre grupos gays e lésbicos.

Os primeiros grupos de ativismo contra a AIDS a serem formados, como o GMHC de Kramer, lentamente se despolitizavam, com objetivo de não afastar possíveis financiamentos. Além disso, grupos como o Gay Activist Alliance (GAA) tinham profunda ligação com o Partido Democrata e com a polícia, o que limitava sua possibilidade de ação. Soma-se a isso a insatisfação de homens gays com o discurso moralizante e de mulheres lésbicas com a falta de inclusão nestes grupos, e estava colocada, na metade da década de 1980, a necessidade da formação de um grupo com uma abordagem politizada a respeito do problema (Wolfe, 1997).

É nesse contexto que surge, em 1987, o AIDS Coalition to Unleash Power (ACTUP), com uma visão politizada a respeito do vírus, alinhada com as ideias que Patton havia defendido quatro anos antes. O grupo surgiu em Nova Iorque, a partir de membros insatisfeitos do GMHC. Larry Kramer fez a fala inicial e ficou conhecido como fundador do grupo, mas, como esclarece Maxine Wolfe (1997), importante ativista lésbica do grupo, seu papel era menos relevante do que foi propagado posteriormente. O objetivo era organizar os pequenos grupos existentes naquele momento, divulgar informações sobre o vírus, combater a homofobia e pressionar as autoridades através de ações diretas. O grupo se espalhou pelos Estados Unidos e pelo mundo e até hoje resiste na luta contra a AIDS.

A presença de mulheres na organização era, inicialmente, pequena, contando com apenas quatro mulheres na reunião de fundação. Segundo Wolfe, o grupo foi rapidamente ocupado por ativistas lésbicas, que ansiavam por encontrarem seu lugar de atuação na luta contra a AIDS, muitas vezes negado por outros grupos (Wolfe, 1997). Em 1988, já havia um comitê interno de

mulheres, que fazia parte do esforço para colocar lésbicas, mulheres, pessoas privadas de liberdade, crianças e usuários de drogas no centro do debate sobre o vírus.

Ainda de acordo com Wolfe, o papel exercido pelo comitê de mulheres era majoritariamente logístico e organizativo, pois traziam experiência de organizações lésbicas e feministas que participaram anteriormente. Uma das primeiras ações do comitê buscava combater a responsabilização das mulheres por sua própria prevenção, já que espalharam-se nas estações de metrô de Nova Iorque cartazes que recomendavam que mulheres sempre carregassem preservativos consigo. Buscando colocar o foco e a responsabilidade em homens heterossexuais, as mulheres do ACTUP organizaram, naquele ano, uma ação no ambiente mais heterossexual e masculino que puderam pensar — um jogo de beisebol. A ação envolveu militantes presentes, cartazes distribuídos no estádio (Figura 9) e frases de efeito gritadas no decorrer do jogo, e foi parte de um conjunto de nove dias de protesto contra o vírus (Wolfe, 1997). O Shea Stadium, onde foi realizada a campanha, tinha capacidade para 55 mil pessoas, e a popularidade do time local, New York Mets, ajudou na grande repercussão do ocorrido.

Figura 9 e 10 — Cartaz produzido pelo grupo ACTUP para um jogo de beisebol e Cartaz da campanha *Read my lips*, produzido por ACTUP e Gran Fury



ACTUP, 1988, Nova Iorque.

O cartaz, trazendo uma linguagem familiar ao esporte, como “AIDS não é um jogo de bola” e “Aqui está o placar”, buscou conscientizar homens a respeito dos riscos que a AIDS representa para mulheres e incentivar o uso de



preservativo — responsabilidade que, na visão do grupo, deveria ser do homem em uma relação entre homem e mulher. O cartaz traz a ideia de que o uso da camisinha seria uma forma de proteger a parceira, seja em um encontro casual ou em um relacionamento amoroso. Além disso, apresenta dados sobre os efeitos do vírus sobre as mulheres, na época pouco conhecidos, como a morte mais rápida, e o aumento das transmissões nos quatro anos anteriores. A ação representa o esforço das mulheres do grupo para derrubar mitos sobre o vírus e colocarem-se como figura a ser protegida na campanha contra a AIDS.

Outra campanha de grande repercussão realizada em 1988 foi a campanha *Read My Lips*, organizada como resposta a uma frase dita por George W. Bush durante sua campanha presidencial no mesmo ano — quando perguntado sobre um possível aumento de impostos para financiar a pesquisa e tratamento da AIDS, respondeu “Leia meus lábios: sem novos impostos”²⁵. A frase foi mal vista e, em resposta, o ACTUP organizou um “beijaço”, ou uma troca de beijos, na Sheridan Square, em Nova Iorque. O objetivo da ação era combater a homofobia e o estigma sobre a doença, combatendo a ideia de que seria possível transmití-la através do beijo.

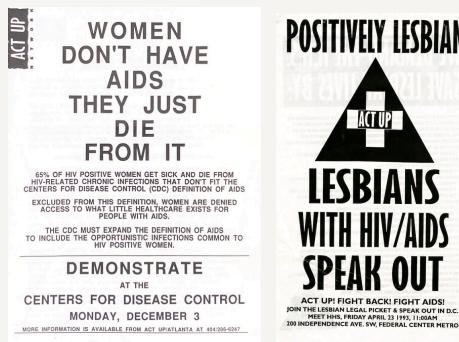
Após a ação, o grupo, junto ao artista e fotógrafo Gran Fury, produziram cartazes e camisetas com diferentes imagens do momento, incluindo uma imagem de duas mulheres negras se beijando (Figura 10). As outras imagens da campanha eram compostas por um casal de homens e um casal formado por um homem e uma mulher. Os cartazes e camisetas tiveram grande circulação e demonstraram a intenção do ACTUP de igualar diferentes tipos de relações sexuais no combate a AIDS, combatendo a hierarquização do risco e a homofobia.

Outras sedes do grupo realizaram ações focadas nas mulheres durante os anos 1980, como o ACTUP Atlanta (Figura 11), que utilizou cartazes para divulgar uma demonstração que seria feita nos CDCs da cidade para pressionar o órgão a aumentar a definição da doença a incluir sintomas específicos que

²⁵ No original: “Read my lips: no new taxes”.

ocorrem nos corpos de mulheres cisgênero. Além de um veículo de divulgação do evento, os cartazes serviam como forma de propagar informação de maneira rápida, colados em lugares com grande concentração de pessoas, visando atingir o maior público possível. O cartaz do ACTUP Atlanta traz informações a respeito da segregação causada pela definição desatualizada de AIDS. Além disso, demonstra o foco do grupo em ação direta como forma de pressionar as autoridades para o desenvolvimento e melhora das políticas públicas contra o vírus.

Figuras 11 e 12 — Convite para uma demonstração do ACTUP Atlanta e Convite para uma fala de lésbicas HIV-positivo



ACTUP, década de 1980, Atlanta.

ACTUP, 1993, Washington D.C.

Além das ações com enfoque em mulheres de modo geral, também eram realizadas ações voltadas especificamente para mulheres lésbicas, como é o caso do protesto realizado no começo da década de 1993, em Washington D.C. (Figura 12). O cartaz produzido pelo ACTUP convida para o evento no qual lésbicas com HIV falariam sobre suas experiências, além de incentivar a luta contra a AIDS. O material de divulgação lê “positivamente lésbica”, um trocadilho com o fato de serem HIV-positivas e de verem a própria sexualidade e práticas sexuais de forma orgulhosa. O grupo buscou, também, proporcionar materiais educativos, como o livro *Women, AIDS, and Activism*, financiado e produzido pelo Act Up New York, que busca conscientizar o público feminino sobre a AIDS, tratando de temas como práticas sexuais mais seguras, transmissão para e entre mulheres, uso de drogas, prostituição, AIDS em



mulheres lésbicas e bissexuais, questões raciais, entre outros (Banzhaf, et all, 1990).

Através da análise da história do grupo ACTUP e de materiais impressos por ele produzidos, é possível notar que foi apenas no final dos anos 1980 e começo dos anos 1990 que as mulheres, principalmente mulheres lésbicas, conseguiram demarcar seu lugar na luta contra a AIDS. Neste período, buscaram combater mitos e estigmas popularizados no começo dos anos 1980, esclarecer os sintomas e riscos específicos para seus corpos e pressionar autoridades para que fossem incluídas nas políticas públicas contra o vírus. A atuação de mulheres lésbicas no ACTUP mostra que este grupo se engajou na luta contra a doença, tema central nos meios gays na década de 1980, combinando a libertação gay e o discurso feminista para teorizar e debater sobre sexo, saúde e HIV, colocando-se como protagonistas.

Lesbian Avengers: fire eating lesbians (1992-)

Nos anos 1990, nos Estados Unidos, paralelamente e em resposta à contínua luta contra a epidemia de AIDS, as mídias de massa, como cinema, televisão e grandes revistas, passaram a dar cada vez mais espaço para a representação de mulheres lésbicas. Tal fenômeno ficou conhecido como *lesbian chic*, termo utilizado pela imprensa da época para se referir a uma suposta nova aparência adotada por mulheres lésbicas naquele período. Esta “mudança de aparência” é descrita no artigo de maio de 1993 da revista *New York*, intitulado *Lesbian Chic — The Bold, Brave, New World of Gay Woman*, que marca o início da obsessão midiática por essa categoria de mulheres. Ao descrever a vida em um bar lésbico de Nova Iorque, o artigo fala sobre uma antiga geração, que não performava feminilidade e não se encaixava nos padrões heterossexuais de beleza, dando lugar a uma nova geração, jovem, feminina e sensual, como pode ser visto no trecho abaixo:

(...) um grupo de mulheres em jeans e couro preto, todas com cabelo curto
(...) A mulher usando Brooks Brothers e sua parceira saem, e são substituídas por duas mulheres de 26 anos com o mesmo visual limpo, comum e bonito (...) Essas são as caras da nova geração de mulheres que

se relacionam com mulheres que transformaram a imagem lésbica²⁶ (Ciasullo, 2001, p.592-593, tradução própria).

O trecho da revista New York demonstra a principal característica das mulheres representadas pelo lesbian chic: eram magras, femininas, brancas, de classe média alta e estilosas, ao passo que corpos desfeminilizados, não-brancos, gordos, pobres e, no geral, fora do padrão de beleza, eram apagados. Além disso, a imagem representada era dessexualizada, de forma a ser palatável para audiências heterossexuais. Os casais, quando apareciam nas revistas, posavam com abraços carinhosos, sem uma verdadeira representação de desejo (Ciasullo, 2001, p.586). Este cenário, no entanto, não representou uma maior aceitação de mulheres homossexuais pelo público geral, nem uma melhora de seus direitos civis. Pelo contrário, foi responsável pela imposição de novos padrões de comportamento e beleza sobre mulheres lésbicas, e acompanhada de um aumento das manifestações preconceituosas.

O lesbian chic era, em essência, uma tentativa de diminuir as tensões causadas pela epidemia de AIDS nos Estados Unidos, que escancarou a violência contra a população LGBT+ e inflamou os sentimentos homofóbicos. Derivados da luta contra o HIV, muitas entidades do movimento gay, como o ACT UP, eram vistas como agressivas e perigosas. As lésbicas, por sua vez, eram erroneamente vistas como imunes ao vírus, poupando-as, em parte, do discurso circundando o tema. Por conta disso, a ascensão da representação midiática de lésbicas nos anos 1990 representou uma tentativa de apaziguar as tensões que marcaram os anos 1980, tornando-as, através da feminilização, consumíveis para o grande público. E, sendo consumíveis, tornavam-se, também, consumidoras. Buscou-se então, através da estética, igualar mulheres homossexuais e heterossexuais, promovendo, através do consumo, uma falsa sensação de aceitação, que incluía apenas aquelas que se encaixavam em padrões de beleza, raça e classe (Rand, 2013, p. 126).

²⁶ No original: (...) a group of women in jeans and black leather, all with cropped hair (...) The Brooks Brothers woman and her lover leave, and are replaced by two 26-year-old women with the same scrubbed, girl-next-door good looks (...) These are the faces of a new generation of woman-woman who have transformed the lesbian image.



No previamente citado artigo da New York, que descreve a cena noturna lésbica em 1993, um detalhe chama a atenção: uma das mulheres presentes no bar estaria usando uma camiseta com os dizeres Boycott Colorado. A camiseta fazia parte de uma campanha do grupo ativista Lesbian Avengers, que protestava contra a aprovação de leis homofóbicas no Colorado. A menção do grupo apenas como parte do vestuário é proposital: a representação lésbica neste período era fortemente despolitizada.

O grupo ativista Lesbian Avengers surge, em 1992, a partir de dissidências de movimentos como Woman for Woman, ACT UP, entre outros, por considerarem que suas pautas estavam sendo deixadas de lado nesses grupos, voltados para mulheres heterossexuais ou homens gays. O objetivo de suas fundadoras era formar um grupo como nenhum outro, focado em realizar ativismo nas ruas e buscar por visibilidade. Buscavam novas estratégias, como o uso da mídia, da ironia e de ações diretas, sem uma linha teórica precisamente definida, “aplicando à política o slogan da Nike, típico dos anos 90: Apenas faça” (Bernikow, 1993)²⁷. Como mencionam em seu Dyke Manifesto, “Lesbian Avengers acreditam no ativismo criativo: alto, ousado, sensual, bobo, feroz, gostoso e dramático.” (Moyer, 1993)²⁸, o humor e a sensualidade representavam parte significativa de sua estratégia, além do foco em recrutar novas integrantes.

As ações do grupo deixam claro o uso da criatividade e da performance como estratégias. A primeira delas, ainda em 1992, consistiu em uma passeata com banda marcial até uma escola em Nova Iorque, com cartazes que diziam “pergunte sobre vidas lésbicas”, incentivando a inclusão da História LGBT+ no currículo das escolas públicas. Uma de suas ações mais notórias foi a realização de um memorial para duas vítimas de homofobia que tiveram a casa incendiada. Em protesto, as Avengers realizaram uma performance onde apagavam tochas com a boca, e diziam “O fogo não vai nos consumir, nós o pegamos e o tornamos nosso”, feito que as tornou conhecidas como “lésbicas

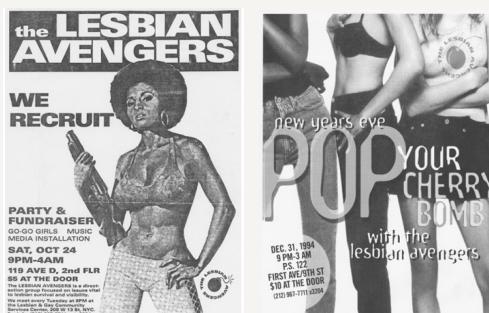
²⁷ No original: “applying to politics the very nineties Nike slogan: *Just do it.*”

²⁸ No original: “Lesbian Avengers believe in creative activism: loud, bold, sexy, silly, fierce, tasty, and dramatic.”

comedoras de fogo". Outra importante realização foi a organização da Dyke March, que contribuiu para a criação de outras ramificações do grupo pelos Estados Unidos e pelo mundo. Todos esses feitos foram mencionados nas mídias locais, contribuindo para a visibilidade almejada pelo grupo (Leng, 2020, p. 113).

Como parte de sua estratégia para aumentar a visibilidade do grupo e atrair novas membros, as Lesbian Avengers promoviam festas e outros eventos, que serviam também como arrecadação de fundos. Em pôsteres que convidavam para esses eventos, comumente eram reutilizadas imagens de campanhas de marcas e de filmes, contendo mulheres convencionalmente atraentes, famosas e heterossexuais. É o caso do pôster que mostra Pam Grier, com uma imagem retirada do filme Coffy, utilizando roupas sensuais e convidando para uma festa do grupo (Figura 13). Da mesma forma, o poster que convida para a festa de ano novo de 1994/1995 mostra uma foto retirada de uma campanha da marca Calvin Klein, com a modelo Kate Moss e adicionando, à sua camisa branca, a logo do Lesbian Avengers (Figura 14). A imagem contém os dizeres “pop your cherry” que, em tradução livre, significa “perca sua virgindade”, utilizando a sensualidade das modelos e a sugestão da frase como forma de atrair convidadas para o evento.

Figuras 13 e 14 — Convites para festas do grupo Lesbian Avengers



Lesbian Avengers, 1994, Nova Iorque.

Como argumenta E. J. Rand (2013), ambas as imagens apresentam corpos que não necessariamente são marcados como lésbicos ou queer, contendo, inclusive, celebridades sabidamente heterossexuais. Todas as mulheres representadas poderiam, facilmente, ser identificadas como heterossexuais, mas, aqui, estão sendo utilizadas como fonte de atração e identificação para



mulheres lésbicas, corroborando com a ideia por trás da estética lesbian chic, que iguala corpos hétero e queer, como se dissessem: se essas mulheres podem ser lésbicas, qualquer uma pode ser (Rand, 2013, p.132).

Além disso, principalmente no convite para a festa de ano novo, os corpos magros, em sua maioria brancos e tipicamente femininos reproduzem a estética típica das revistas dos anos 1990. A respeito da imagem de Pam Grier, a designer responsável pelos posters, Carrie Moyer, disse:

Colocar Pam Grier em um poster provocou uma discussão sobre que tipo de pessoa isso traria para o grupo. Acho que esperávamos que atraísse mulheres não-brancas. (...) Agora eu tenho uma visão mais analítica sobre isso — esta imagem fez um bom trabalho em atrair mulheres jovens e brancas (Moyer, Carrie. *Lesbian Avengers Documentary Project*, tradução própria)²⁹.

O trecho demonstra que, apesar do desejo do grupo de recrutar mulheres negras, a estética utilizada em seus posters e ações era, muitas vezes, mais apelativa para mulheres brancas e jovens, público que se identificava com as mulheres representadas pela estética lesbian chic. No entanto, duas características diferenciam as imagens e campanhas utilizadas pelo Lesbian Avengers desta estética: a afirmação da sexualidade e sensualidade de maneira positiva; e o uso político de sua raiva e revolta.

O grupo Lesbian Avengers, em seu manifesto e na maioria de suas campanhas, afirmou sua sexualidade de maneira positiva. Como é possível observar em uma das versões impressas de seu manifesto, de 1993 (Figura 15), as palavras “poder”, “sexo” e “ativismo” aparecem destacadas na página, sendo “sexo” a maior delas. Também é possível notar a frase “pense que sexo é uma liberação diária, boa energia para as ações” e “use palavras vivas: lamber, dançar, comer, foder, beijar, morder, se entregue, pegue a estrada”, entre outras referências sexuais. Além disso, no trecho “Top 10 Qualidades Avenger”, é possível observar, junto a qualidades tipicamente esperadas de ativistas políticos, como liderança, proatividade, e humildade, as qualidades “a favor do

²⁹ No original: “Putting Pam Grier on a poster provoked a discussion about what kind of person it would bring to the group. I think we hoped it would attract women of color. (...) Now I have a more analytical view of it — this image did a good job of attracting young white women”.

“sexo” e “boa dançarina”. A presença dessas frases em meio a reivindicações políticas, incluindo trocadilhos como “não se importe nem um pouco com as algemas” (sugerindo tanto o uso de algemas na prática sexual, quanto a falta de medo da polícia), demonstram que, para o grupo, a afirmação positiva do sexo era essencial, sendo uma forma de subverter a lógica heterossexual e assimilacionista.

Em seu manifesto, também afirmam e reafirmam seu direito à raiva; se nomeiam o apocalipse, impacientes e ousadas. Dizem que venderam suas joias para financiar o movimento e homens e heterossexuais deveriam enviá-las dinheiro. Utilizam uma bomba como logotipo e reiteraram o poder da ação direta. Isso demonstra que, ao contrário do comportamento educado incentivado pela mídia do período, as ativistas do Lesbian Avengers defendiam seu direito à raiva e à revolta.

Figura 15 — Manifesto do grupo Lesbian Avengers



Lesbian Avengers e Carrie Moyer, 1993, Nova Iorque.

Como aponta Leng (2020, p. 115), o grupo realizou, principalmente em São Francisco, diversas ações diretas consideradas “polêmicas”, como a realização de um churrasco de linguiças durante o julgamento de uma mulher que cortou o pênis de seu estuprador; e a invasão de uma igreja batista, na qual haviam sido feitas declarações homofóbicas, para enchê-la de grilos. Esse tipo de ação, criativa, ousada, irônica e desafiadora, demonstra a vontade do grupo para dispor de todos os meios possíveis para lutar contra a homofobia, não se limitando a atitudes bem-vistas ou assimilacionistas.



A qualidade “boa dançarina”, a menção a festas do pijama e a frase “gangues de garotas são a tendência do futuro”, demonstram ainda outra estratégia do ativismo criativo das *Avengers*: tornar o ativismo legal, descolado e desejado, buscando assim aumentar sua quantidade de recrutas. O manifesto diz que “demonstrações são divertidas e um ótimo lugar para conhecer mulheres”, incentivando as participantes a exercerem sua sexualidade, se divertirem, militarem e serem atraentes enquanto o fazem.

Através da análise do manifesto do grupo ativista *Lesbian Avengers*, de seu material de campanha e das ações que realizaram, é possível concluir que, apesar do grupo se utilizar da estética *Lesbian Chic* quando lhe era favorável e estar inserido em um contexto no qual esta era a representação hegemônica a respeito de mulheres lésbicas, de maneira geral, o grupo não corroborava com a permanência do racismo, do classicismo e do apagamento de mulheres desfeminilizadas.

Também não reproduziam a imagem dessexualizada e comportada das revistas. Pelo contrário, o grupo utilizava o sexo e a raiva como forma de afirmar sua resistência frente à homofobia. Suas ações demonstram a rejeição direta do fenômeno *lesbian chic* e dos modelos estéticos impostos por ele. Portanto, é possível concluir que o uso de recursos estéticos do *Lesbian Chic* pelo grupo foi uma maneira, inserida em sua estratégia de ativismo criativo e mobilizatório, de subverter a lógica de consumo que recaía sobre os corpos lésbicos no período, utilizando-a para recrutar novas participantes e atingir seu horizonte político de visibilidade para pautas lésbicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise das revistas *The Ladder*, *Sister* e *The Lesbian Tide*, bem como dos cartazes produzidos pelos grupos *ACTUP* e *Lesbian Avengers*, pode-se perceber que a multiplicidade de discursos, representações e abordagens que buscavam compreender a existência e a identidade lésbica atravessaram décadas e apresentaram uma série de modificações, apropriações, rupturas e ressignificações — o que deixa claro que a história do

lesbianismo não é ditada por uma única verdade, há muitas formas de construção do ser lésbica.

A intensa movimentação política e cultural que ocorreu durante as décadas de 1950 a 1980 viabilizaram a articulação de um processo questionador da repressão, do domínio e das normas de comportamento no campo do gênero e da sexualidade. A partir da análise das revistas *The Ladder*, *Sisters* e *The Lesbian Tide* é possível compreender as tensões geracionais e de classe que marcaram a construção da identidade lésbica ao longo do século XX, bem como quais eram os comportamentos, visuais e posicionamentos que serviram de base para o processo de produção, apropriação e circulação dessa identidade em cada periódico.

Através dos cartazes informativos produzidos pelo *ACTUP*, é possível notar como a comunidade lésbica precisou se organizar politicamente para combater a AIDS e divulgar informações específicas para mulheres lésbicas, intensificando seu senso de identidade como um grupo separado dos homens gays. Os cartazes produzidos pelo grupo *Lesbian Avengers*, por sua vez, demonstram a tentativa de grupos lésbicos a se adaptarem às novas necessidades do ativismo no final do século XX, como lidar com a glamourização de sua identidade pela mídia hegemônica estadunidense e usar a criatividade para reivindicar suas pautas. É possível notar as tensões, limites, continuidades e rupturas, bem como a diversidade de corpos e realidades lésbicas representadas por cada produção analisada, ou a falta dela.

A partir disso, é possível concluir que as mídias impressas independentes produzidas por lésbicas representaram um papel essencial na formação de sua identidade e comunidade, criando uma performance e estilo de vida própria, de forma que:

A imprensa lésbica/gay continua sendo o único campo legítimo no qual articulações hetero/homo são disseminadas. É não-heteronormatividade através da perspectiva cultural lésbica/gay, mas lida como não-heteronormatividade nas vozes de identidades não-heteronormativas — criando autenticidade e autoridade (Cover,



2002, p. 12, tradução própria)³⁰.

Durante esse processo, a imprensa independente permitiu que uma pluralidade de vozes lésbicas se fizessem ouvidas através de críticas políticas, poemas e textos que tocassem nas questões de gênero, sexualidade e organização política, além de possibilitar o surgimento de novas conexões entre diferentes grupos e o fortalecimento cultural e intelectual da comunidade lésbica como um todo.

FONTES

ACTUP. ACT UP “Read My Lips” Fem T-Shirt, WHITE. Disponível em: <https://give.actupny.com/product/act-up-read-my-lips-fem-t-shirt-white/>. Acesso em: 12 jul. 2024.

ACTUP. Contact ACTUP New York - ACT UP NY. Disponível em: <https://actupny.com/contact/>. Acesso em: 12 jul. 2024.

MOYER, Carrie. Dyke Manifesto. The Lesbian Avengers, 1993. Disponível em: https://www.lesbianavengers.com/images/moyer_design.shtml. Acesso em: 20 jul. 2024.

MOYER, Carrie. Lesbian Avenger Documentary Project. Lesbian Avengers. Disponível em: <https://www.lesbianavengers.com/>. Acesso em: 20 jul. 2024.

OUT in the Archive. Glasgow Woman’s Library. Disponível em: <https://womenslibrary.org.uk/exhibition/out-in-the-archive/>. Acesso em: 20 jul. 2024.

SISTERS: BY AND FOR GAY WOMEN. Sacramento, Califórnia: Sisters Collective, 1970-1975. Disponível em:

³⁰ No original: “The lesbian/gay press remains the one legitimated site in which hetero/homo articulations are disseminated. It is non-heteronormativity through lesbian/gay cultural perspectives, but read as non-heteronormativity in the voices of non-heteronormative identities - manufacturing authenticity and authority.”

<https://californiarevealed.org/partner/lavenderlibraryarchivesandculturalexchange>. Acesso em 20 de jul. 2024

THE LADDER. São Francisco, Califórnia: **Daughters of Bilitis**, 1956-1972. Disponível em: <https://documents.alexanderstreet.com/c/1003264003>. Acesso em 20 de jul. 2024.

THE LADDER. São Francisco, Califórnia: **Daughters of Bilitis**, 1956-1972. Disponível em: <https://archives.rainbowhistory.org/items/show/1907>. Acesso em 8 de ago. 2025.

THE LESBIAN TIDE. Los Angeles, Califórnia: **The Tide Collective, 1971-1980**. Disponível em: <https://www.houstonlgbthistory.org/lesbian-tide.html>. Acesso em 20 de jul. 2024.

Women's Inclusion — Metanoia Online. Metanoia Online. Disponível em: <https://metanoia.oneinstitute.org/exhibit/womens-inclusion>. Acesso em: 12 jul. 2024.

REFERÊNCIAS

BANZHAFF, Marion, et all. **Women, AIDS, and activism**. Boston: South End Press, ACT UP New York Woman and AIDS Book Group, 1990. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39076001144000&seq=44>. Acesso em 21 jul 2024.

BENDIX, Trish. Café Tabac: Thirty Years of Lesbian Chic. **PAPER Magazine**. Disponível em: <https://www.papermag.com/cafe-tabac-lesbian-chic#rebellitem1>. Acesso em: 21 jul. 2024.

BERNIKOW, Louise. The New Activists: Fearless, Funny, Fighting Mad. **Cosmopolitan**, abril, 1993, p. 162-165.

BRIER, Jennifer. “**Locating Lesbian and Feminist Responses to AIDS, 1982-1984**.” Women’s Studies Quarterly, vol. 35, no. 1/2, 2007, pp. 234-48. JSTOR, <http://www.jstor.org/stable/27649663>. Acesso em: 12 jul. 2024.

BROWNE, Kathe; OLASIK, Marta. Feminism, lesbian. In: **The Wiley Blackwell Encyclopedia of Gender and Sexuality Studies**. 1.ed. John Wiley & Sons, 2016, p. 1-3.

CIASULLO, Ann M. Making Her (In)Visible: Cultural Representations of Lesbianism and the Lesbian Body in the 1990s. **Feminist Studies**, v. 27, n. 3, p. 577-608, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/3178806>. Acesso em: 20 jul. 2024.



COVER, Rob. Re-sourcing queer subjectivities: Sexual identity and Lesbian/Gay Print Media. **Media International Australia**, v. 103, n. 1, p. 109-123, 2002.

CURRAN, James; JAFFE, Harold. **AIDS: the Early Years and CDC's Response**. Centers for Disease Control and Prevention, 2011. Disponível em: https://www.cdc.gov/mmwr/preview/mmwrhtml/su6004a11.htm?s_cid%3Dsu6004a1. Acesso em: 28 nov 2024.

Daughters of Bilitis Video Project. Lesbian Herstory Archives, Audio/Visual Collection. Brooklyn, New York. Disponível em <http://herstories.prattinfoschool.nyc/omeka/>. Acesso em 08 ago 2024.

D'EMILIO, John. **Sexual Politics, Sexual Communities**: The Making of a Homosexual Minority in the United States, 1940-1970. Chicago: University of Chicago Press. 1983.

DEPEEdER, Mary S. **“What a gorgeous dyke!” Cultivating the Daughters of Bilitis lesbian identity, 1955 - 1975**. Middle Tennessee State University. 2018.

Executive Order nº 10450 de 1953. Security requirements for Government employment, Employment of homosexuals and other sex perverts in government; interim report

submitted to the Committee on Expenditures in the Executive Departments by its Subcommittee on Investigations. **Senate document**. Washington, United States Government Printing Office, 1950. Disponível em: <https://searchworks.stanford.edu/view/10505561>. Acesso em 16 de fev. 2025.

FADERMAN, Lillian. **Odd Girls and Twilight Lovers**: A History of Lesbian Life in Twentieth-Century America. New York: Columbia University Press. 1991.

GALLO, Marcia. **Different Daughters**: A History of the Daughters of Bilitis and the Rise of the Lesbian Rights Movement. New York: Carol and Graf, 2006.

JOSEPH, Peniel E. **The Black Power Movement**: Rethinking the Civil Rights - Black Power Era. New York: Taylor & Francis Group, 2006.

LENG, Kirsten. Fumerism as Queer Feminist Activism: Humour and Rage in the Lesbian Avengers' Visibility Politics. **Gender & History**, v. 32, n. 1, p. 108-130, 2020. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1468-0424.12450>. Acesso em 20 jul. 2024.

LESBIAN HERSTORY ARCHIVES NEWSLETTER. New York: Lesbian Herstory Archives. 1975-2004.

LIPOVETSKY, Gilles.; SERROY, Jean. **A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MCCARTHY, Joe. **Homosexuals in State Department.** Marquette University, Wheeling, 9 de fev. 1952. Discurso.

OWENS, Erin. **The Lavender Scare: How Fear and Prejudice Impacted a Nation in Crisis.** **Armstrong Undergraduate Journal of History**, vol. 10, n 2, p. 115-128, 2020. Disponível em: <https://digitalcommons.georgiasouthern.edu/aujh/vol10/iss2/8>. Acesso em 12 de fev. 2025.

PASSET, Joanne. **Indomitable: The Life Of BARBARA GRIER.** Tallahassee: Bella Books, 2016.

PATTON, Cindy, O'Sullivan, Sue. **Mapping: Lesbians, AIDS and Sexuality.** **Feminist Review**, no. 34, p. 120-33. 1990. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1395312>. Acesso em: 04 jul. 2024.

PATTON, Cindy. **AIDS: Lessons from the Gay Community.** Feminist Review, no. 30, p.105-11. 1988: Disponível em: www.jstor.org/stable/1395058. Acesso em: 04 jul. 2024.

QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+:** Uma breve história do século XIX aos nossos dias. São Paulo: Autêntica, 2022.

RAND, Erin J. **An Appetite for Activism: The Lesbian Avengers and the Queer Politics of Visibility.** **Women's Studies in Communication**, v. 36, n. 2, p. 121-141, 2013.

SEKAR, Kaya. **Centers for Disease Control and Prevention (CDC) Funding Overview.** Congress.gov, 2024. Disponível em: <https://www.congress.gov/crs-product/R47207>. Acesso em: 28 nov 2025.

SILVA, Casey Cardoso Da. **Jeanne Córdova: A Lesbian Activist.** University of Auckland, 2023.

STREITMATTER, Rodger. **Unspeakable: The Rise of the Gay and Lesbian Press in America.** Boston. Faber and Faber. 1995.

WOLFE, Maxine. **The ACT UP Historical Archive: The Tactics of Early ACT UP (interviews of Maxine Wolfe) part 1.** 1997. Disponível em: <https://actupny.org/documents/earlytactics.html>. Acesso em: 12 jul. 2024.



WOLFE, Maxine. **The ACT UP Historical Archive: The Tactics of Early ACT UP (interviews of Maxine Wolfe) part 2.** 1997. Disponível em: <https://actupny.org/documents/earlytactics2.html>. Acesso em: 12 jul. 2024.

Women and the AIDS Crisis. Yale University Library Online Exhibitions. Disponível em: <https://onlineexhibits.library.yale.edu/s/we-are-everywhere/page/women-and-the-aids-crisis>. Acesso em: 12 jul. 2024.

ZIRBEL, Ilze. Ondas do Feminismo. **Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na filosofia**, v. 7, n. 2, 2021, p. 10-31. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/ondas-do-feminismo/>. Acesso em: 16 de ago. 2025.

Recebido em: 28/02/2025

Aprovado em: 22/07/2025